



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA

PRESIDÊNCIA

DA REPÚBLICA



BRASIL E PORTUGAL: PARCEIROS NA HISTÓRIA E SÓCIOS NO PROJETO DO FUTURO

**DIRETRIZES PARA
UM NOVO BRASIL**

10

Presidente Fernando Collor

**Brasil e Portugal:
Parceiros na História
e Sócios
no Projeto do Futuro**

Discursos Presidenciais

Presidência da República

Fernando Collor
Presidente da República

Itamar Franco
Vice-Presidente da República

Secretaria de Imprensa
da Presidência da República

1991

Impresso no Brasil
Printed in Brazil

Sumário

DISCURSO À SAUDAÇÃO DE BOAS-VINDAS DO PRESIDENTE MÁRIO SOARES	7
ENCONTRO COM EMPRESÁRIOS PORTUGUESES E BRASILEIROS	9
DISCURSO DURANTE JANTAR OFERECIDO PELO PRESIDENTE MÁRIO SOARES NO PALÁCIO DA AJUDA..	14
ENTREGA DO PRÊMIO LUÍS DE CAMÕES AO EMBAIXADOR JOÃO CABRAL DE MELO NETO	18
DISCURSO DURANTE ALMOÇO OFERECIDO PELO PRIMEIRO-MINISTRO DE PORTUGAL	20
DISCURSO NA ASSEMBLÉIA DA REPÚBLICA PORTUGUESA.....	24
HOMENAGEM AO PRESIDENTE MÁRIO SOARES.....	30
DISCURSO À SAUDAÇÃO DO PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA	32
DISCURSO NA CÂMARA MUNICIPAL DO PORTO	34

CERIMÔNIA DE ENTRONIZAÇÃO DA CONFRARIA DO VINHO DO PORTO.....	36
DISCURSO DURANTE JANTAR OFERECIDO PELO PRESIDENTE MÁRIO SOARES NO PAÇO DUCAL.....	38

Discurso à Saudação de Boas-Vindas do Presidente Mário Soares

Com particular emoção recebo as palavras de boas-vindas de Vossa Excelência ao Palácio de Belém. Em solo português estou em casa e, como se não bastasse, minha mulher, minha comitiva e eu somos imediatamente envolvidos pela hospitalidade da gente portuguesa, em mais uma demonstração da especialíssima deferência com que Portugal sempre distinguiu o Brasil.

Começo minha visita oficial a este país no lastro de um patrimônio comum raramente igualável por outras nações amigas e irmãs. A história do Brasil não existe sem a história de Portugal, no passado e no presente. E a nós cabe escrever o futuro.

Senhor Presidente,

Mais uma vez um Chefe de Estado brasileiro chega a Portugal trazendo o penhor de nossa amizade secular. No mundo, transformações múltiplas e céleres renovam as esperanças coletivas de tempos mais prósperos, em clima de paz e entendimento.

Para trás, parecem haver ficado as heranças perversas do pós-guerra. À frente, horizontes promissores se descortinam para todos os povos, impelindo-os a privilegiarem aproximação e cooperação crescentes entre as nações.

Brasil e Portugal orgulham-se do nível de suas relações de amizade que, em muitos aspectos, alcançam a vanguarda dos novos tempos.

Estou convencido de que, pelo ambiente que Vossa Excelência e o Governo português tão generosamente souberam criar para receber-me, esta viagem contribuirá para reforçar ainda mais os laços exemplares que tradicionalmente unem o Brasil a Portugal.

Permita-me, assim, Senhor Presidente, antecipar-lhe meus votos à prosperidade de Portugal e de seu povo, nosso irmão, ao futuro das relações luso-brasileiras e à saúde e felicidade pessoais de Vossa Excelência.

*Discurso pronunciado por
Sua Excelência o Senhor Fernando Collor,
Presidente da República Federativa do Brasil,
à saudação de boas-vindas do Presidente
da República Portuguesa, Mário Soares,
no Palácio de Belém, em Lisboa, Portugal,
no dia 22 de outubro de 1990.*

Encontro com Empresários Portugueses e Brasileiros

Considerei particularmente oportuno o convite que a Associação Industrial Portuguesa me dirigiu para trazer a esta seleta platéia de empresários a atualidade econômica brasileira. O Brasil vive hoje o mais significativo processo de transformação de sua história recente. Nos últimos sete meses, o País mudou sua realidade interna e sua imagem externa. Foram passos seguros de retomada do verdadeiro desenvolvimento econômico, privilegiando idéias de modernização, justiça social e equilíbrio de oportunidades para os que desejam trabalhar e participar do esforço de reconstrução nacional.

O Governo assumiu a liderança desse processo, determinando a operar mudanças. Fizemos uma reforma administrativa há muito reconhecida como necessária, embora jamais implementada por falta de coragem política ou, talvez, pelo fato de que os seus custos não pareciam compensadores num país onde o favoritismo se sobrepunha à eficiência e onde os recursos para a manutenção da máquina do Estado eram, sem realismo, vistos como ilimitados. Passamos de um orçamento constantemente deficitário a outro em que se prevêem metas de superávit maiores que as preconizadas nas recomendações mais rigorosas das instituições financeiras multilaterais. Fizemos um ajuste fiscal sem precedentes e temos administrado as contas do Tesouro com saldos sempre positivos, em claro contraste com o passado.

«Competitividade e eficiência são os conceitos-chave que procuramos introduzir e estimular.»

O Brasil traçou metas monetárias e fiscais consistentes com sua realidade e recuperou a capacidade de reformulação e execução da política econômica. Os resultados são evidentes e não requerem elaboração detalhada. De um quadro de taxas inflacionárias em torno de 80% ao mês, em que os lucros derivados da especulação e a inércia dos investidores eram a tônica, evoluímos para garantir que só as inversões produtivas sejam capazes de gerar ganhos compensadores. O risco da hiperinflação, que até março de 1990 ameaçava corroer o poder de compra dos salários, a poupança e a própria capacidade nacional de produzir riqueza, está definitivamente afastado da vida nacional. E se é fato que os índices inflacionários mensais ainda se situam em torno de 10 a 12%, isso se deve, de um lado, à persistência de práticas típicas de uma economia há décadas habituada a taxas de inflação elevadas; de outro, a fatores exógenos, fora do controle nacional, como os que hoje fazem subir o preço dos combustíveis. De qualquer modo, a inflação ficou sob controle. Os índices recentes demonstram estarmos no caminho certo e serem adequadas as medidas que tomamos e continuaremos a tomar.

Não era possível que o País continuasse a conviver com curvas inflacionárias continuamente crescentes. Além disso, faltava um projeto nacional que promovesse a estabilidade e criasse um ambiente econômico saudável, com regras claras e definidas, para que os investidores brasileiros e estrangeiros pudessem projetar sua ação e obter resultados, sem risco constante de mudança nas diretrizes de ação governamental.

Cabe aos agentes econômicos responder à altura do que está realizando o Estado. A dimensão dessa resposta vai, em última análise, consolidar um Brasil novo.

Quero falar-lhes agora da nova política industrial e de comércio exterior que dita as diretrizes para a ação do empresário.

Competitividade e eficiência são os conceitos-chave que procuramos introduzir e estimular. Muito já tem sido feito para transformar a mentalidade que marcou nas últimas décadas o cenário econômico do País. Eliminamos restrições quantitativas à importação. Estamos derrubando distintas barreiras ao comércio, mesmo as tarifárias. Estamos também ampliando os investimentos em pesquisa tecnológica — até então insuficientes para um país da dimensão do nosso — e propondo a revisão de normas jurídicas sobre matérias cruciais como propriedade intelectual e indústria farmacêutica. O Brasil é hoje, diferentemente do passado, um país aberto ao exterior.

«Temos a oferecer ao capital externo
uma realidade econômica
estabilizada, uma política
definida para os investimentos
e regras de longo prazo
de ordenamento da economia.»

O papel do empresário é central e a ele queremos dar a posição de maior destaque no processo de modernização da economia. O Governo espera que amplie seus investimentos em pesquisa, busque associações produtivas e inovadoras com parceiros estrangeiros, saiba incorporar e criar tecnologia e aumente sua capacidade de penetração em mercados externos. O propósito de auferir lucros elevados sem ganhos correspondentes de produtividade deve estar afastado da mente dos empresários brasileiros. Se a empresa brasileira se tornou viável numa economia altamente inflacionária, tanto mais o será agora, no quadro econômico hoje vigente no País.

O Brasil espera poder atrair volume crescente de investimentos estrangeiros. A absorção de poupanças externas, que possam complementar os esforços nacionais e que, sobretudo, representem transferência de tecnologia, tem para nós importância singular neste momento de renovação. Temos a oferecer ao

capital externo uma realidade econômica estabilizada, uma política definida para os investimentos e regras de longo prazo de ordenamento da economia. Em contrapartida, esperamos dos investidores a disposição de trabalhar conosco no grande projeto transformador que estamos levando a cabo, com o esforço de todos os brasileiros.

O Brasil quer voltar a crescer. Esse objetivo, nós o perseguiremos sem esmorecimento. Para tanto, estamos procurando avançar também na solução de questões que há muito requerem tratamento compatível com a necessidade de crescimento, como o da dívida externa.

«Façamos de nossas realizações
conjuntas o maior de todos
os monumentos à amizade fraterna
de nossos povos.»

Há pouco iniciamos negociações com os credores privados externos e os primeiros entendimentos com o Clube de Paris. Nossa postura sobre a dívida é coerente com o programa econômico que estamos implementando e requer que se possa ter do País uma visão de longo prazo. O Brasil deseja cumprir seus compromissos, é um país solvente e apresentou uma proposta que envolve o pagamento da integralidade de sua dívida. Não nos interessam soluções paliativas, de curta duração ou que tenham de ser revistas em intervalos reduzidos de tempo. Estamos transformando nossa Nação em caráter definitivo e é com esse mesmo enfoque que temos de tratar a questão do endividamento. Estou seguro de que poderemos contar com o apoio e o estímulo daqueles que têm reconhecido no programa econômico brasileiro um caráter efetivamente transformador, e têm acolhido nossas medidas de âmbito externo em matéria de comércio e investimento. Meu governo continuará buscando de maneira franca e decidida o diálogo sobre a dívida. Só não poderemos aceitar alternativas de ação que ponham em risco o esforço que

fizemos até o momento, cujo reflexo no tempo será a construção de uma economia moderna, com justiça social e maiores oportunidades para todos os cidadãos brasileiros.

Minhas Senhoras, meus Senhores,

Este é o Brasil novo que tenho orgulho em trazer ao exterior e, muito particularmente, a Portugal, nosso primeiro parceiro na história, hoje sócio importante de nosso projeto de futuro. Estou seguro de que, mais uma vez, nossos países podem dar exemplo de cooperação e aprofundar este relacionamento revigorado pela vitalidade de um Portugal comunitário e pela energia de um Brasil em pleno processo de recuperação econômica.

O fato de estarem aqui reunidos empresários portugueses com empresários brasileiros que atuam em Portugal é em si mesmo de grande significado. Ao falarmos da importância de nosso intercâmbio econômico, não estamos falando de sonhos e projetos. Trata-se de uma realidade concreta em processo de rápida consolidação. A iniciativa privada de nossos países já possui um impressionante acervo de empreendimentos luso-brasileiros.

Os senhores sabem, e eu sei, que há potencial para muito mais. Existe um espaço econômico comum que somente nós poderemos aproveitar e eu estou certo de que os empresários de ambos os países não irão deixar perder-se essa oportunidade singular. Temos uma imensa responsabilidade perante nossas sociedades e perante a história. Façamos de nossas realizações conjuntas o maior de todos os monumentos à amizade fraterna de nossos povos. Façamos dos resultados de nosso esforço empresarial contemporâneo e futuro uma obra à altura da ousadia de nossos antepassados. Muito obrigado.

*Discurso pronunciado por
Sua Excelência o Senhor Fernando Collor,
Presidente da República Federativa do Brasil,
durante encontro com empresários
portugueses e brasileiros, na Associação Industrial
Portuguesa, em Lisboa, Portugal,
no dia 22 de outubro de 1990.*

Discurso Durante Jantar Oferecido pelo Presidente Mário Soares no Palácio da Ajuda

*Excelentíssimo Senhor Doutor Mário Soares, Presidente
da República Portuguesa,*

*Excelentíssima Senhora Doutora Maria de Jesus Barroso
Soares,*

*Excelentíssimo Senhor Doutor Victor Pereira Crespo,
Presidente da Assembléia da República,*

Excelentíssima Senhora Doutora Maria Eugénia Crespo,

*Excelentíssimo Senhor Doutor Aníbal Cavaco Silva,
Primeiro-Ministro de Portugal,*

Excelentíssima Senhora Doutora Maria Cavaco Silva,

Altas autoridades presentes,

Minhas Senhoras, meus Senhores,

Ouvi com especial desvanecimento a mensagem de amizade e otimismo com que Vossa Excelência me saudou nesta noite inesquecível, que só a proverbial hospitalidade portuguesa saberia organizar.

Das palavras de Vossa Excelência, recolhi a expressão coletiva dos sentimentos mais profundos e para nós mais gratos de

carinho e apreço pelo Brasil. Na generosidade dos conceitos vertidos sobre meu governo, identifiquei o reconhecimento amigo do Chefe de Estado português ao valor da gente brasileira que, com obstinação e sentido de grandeza, conseguiu reconquistar suas verdadeiras tradições democráticas e relançar o País na rota do progresso, do bem-estar e da harmonia social.

Senhor Presidente,

Hoje, mais do que antes, Portugal e Brasil podem aprofundar seu relacionamento sobre bases amplamente promissoras. Ao patrimônio de nossa fraternidade secular, exemplo vivo de convivência construtiva e mutuamente profícua, acrescentamos agora a vitalidade cívica de nações comprometidas com a modernidade. Modernidade em seu sentido amplo. Não apenas o progresso ou as estruturas econômicas produtivas, mas também, e diria mesmo sobretudo, o substrato social, político e ético de nossas sociedades.

Essa modernidade que Portugal persegue há alguns lustros, o Brasil acaba de transformar em seu objetivo prioritário. A democracia, que por fim recuperamos, é apenas o começo de uma longa caminhada, cujas etapas intermediárias haverão de consolidar a justiça social, para que possamos alcançar a prosperidade sobre bases mais equânimes e solidárias.

Dessa modernidade, em que Portugal soube antecipar-se com seu ingresso pleno na Comunidade Econômica Européia, o Brasil considera peça-chave a retomada do desenvolvimento, no rastro da abertura da economia para o exterior e da intensificação de nossas relações internacionais. O programa econômico que implementei logo nos primeiros momentos de meu governo objetivou precisamente integrar os setores produtivos nacionais com as tendências dinâmicas da economia, do comércio e das finanças mundiais.

Essa mesma modernidade implica, ainda, a nosso ver, Senhor Presidente, o fortalecimento do compromisso da comunidade de nações de derrubar todo e qualquer tipo de barreira entre os países, em especial as barreiras comerciais, tarifárias e não-tarifárias que, depois das ideológicas — hoje felizmente em processo de extinção — constituem os maiores obstáculos à elevação contínua do padrão de vida dos povos.

«A convergência de interesses
é uma tônica constante
do relacionamento luso-brasileiro.»

Registro com orgulhosa satisfação que Portugal e Brasil não cessam de renovar estímulos ao aprofundamento de suas relações bilaterais, sendo hoje gratificante a perspectiva de poderem atuar solidários nos organismos internacionais em defesa de seus interesses convergentes.

Na verdade, convergência de interesses é uma tônica constante do relacionamento luso-brasileiro. Hoje, cerca de 180 milhões de pessoas, espalhadas por todo o mundo, transformam o português numa das línguas de maior trânsito. Nossa comunhão cultural atesta a vitalidade e o universalismo da comunidade lusitana de nações, o que requer, também nesse domínio, ação política resoluta que a realce, aproxime e desenvolva.

O Brasil está cômico da influência e do respeito de que desfruta Portugal nos países africanos irmãos de língua portuguesa, aos quais estamos ligados por intensos laços de amizade e cooperação. Creio chegada a hora de promovermos movimento conjunto, inspirado nos princípios básicos de igualdade e respeito mútuo, no sentido de reforçar as relações entre todos os países que se expressam no idioma de Camões. A propósito, menciono a iniciativa da constituição do Instituto Internacional da Língua Portuguesa, que merece todo o apoio do Governo brasileiro.

Vale mencionar, dentro desse mesmo espírito de defesa e projeção de nosso patrimônio cultural e político, o programa do V Centenário do Descobrimento do Brasil, a celebrar-se dentro de 10 anos, e a oportuna criação, no curso da visita oficial de Vossa Excelência ao Brasil em 1987, da Comissão Luso-Brasileira encarregada de organizar os festejos alusivos à efeméride.

A epopéia dos descobrimentos constituiu uma das maiores aventuras do espírito humano, além de haver simbolizado um

ponto de inflexão da história universal, a aurora dos nossos tempos em meio ao crepúsculo da Idade Média, a aproximação de todos os povos do mundo no impulso indômito da ampliação das fronteiras comerciais.

O Brasil pretende emprestar às comemorações da gesta de Pedro Álvares Cabral dimensão ímpar, em estreita coerência com seu significado. Aspiramos, na verdade, a que o ano 2000 coincida com nova fase na história do Brasil e de Portugal, quando, da fecundidade de seus respectivos processos de afirmação nacional, bem como da interação efetiva da Europa e da América Latina, os dois países possam exibir relacionamento ainda mais promissor, em homenagem a nossos antepassados, em benefício de nossa gente e como estímulo a toda a comunidade lusitana de nações.

Senhor Presidente,

É com esse espírito que convido os presentes a me acompanharem no brinde que faço a Vossa Excelência, o grande estadista e prócer da redemocratização de Portugal; a sua mulher, luz inspiradora do talento e da inteligência desta terra; à prosperidade do povo português, amigo primeiro e maior do povo brasileiro; e ao estreitamento contínuo das relações entre nossos países, a cujos interesses serviremos melhor quando o fizermos juntos.

*Discurso pronunciado por
Sua Excelência o Senhor Fernando Collor,
Presidente da República Federativa do Brasil,
durante jantar oferecido
pelo Presidente Mário Soares,
no Palácio da Ajuda, em Lisboa, Portugal,
no dia 22 de outubro de 1990.*

Entrega do Prêmio Luís de Camões ao Embaixador João Cabral de Melo Neto

Por força de feliz acordo entre os governos do Brasil e de Portugal, toca-me, em solo lusitano, e na companhia amiga do Presidente Mário Soares, a honra especial de fazer entrega do mais alto prêmio literário da língua portuguesa a um poeta brasileiro.

Instituído pelos governos de nossos países, para agraciar escritor que tenha contribuído para o engrandecimento e projeção da literatura de língua portuguesa, o Prêmio Luís de Camões rende igualmente tributo ao poeta da nacionalidade portuguesa. Nele homenageamos a mais pura expressão deste nosso extraordinário patrimônio: a língua comum.

O legado poético de Camões é, na verdade, riqueza de todos os povos que se expressam na língua que nos une. Nas letras brasileiras, é notável sua influência. Na obra de um de nossos primeiros poetas, Bento Teixeira, por muitos considerado o verbo iniciador da literatura brasileira, há quem sinta com nitidez aquela honrosa semente.

À semelhança de Camões, o poeta João Cabral de Melo Neto, alentado pela mais alta «virtude de muito imaginar», terminaria por transformar-se, ele, «o amador», na «cousa ama-

da». João Cabral parece nada desejar senão exprimir por meio de sua obra poética a mais digna e preocupada fidelidade ao homem e ao compromisso fundamental do poeta com a linguagem. Esta aspiração, guardadas as diferenças do tempo histórico de cada um, só faz aproximar João Cabral de Camões. Nota-se, em ambos, o fascínio pela aventura humana e o rigor no tratamento da língua, o que é muito, mas justo, dizer.

Morte e Vida Severina, síntese harmoniosa do sentimento humanista na obra de João Cabral, completa-se em poemas da hierarquia de «Faca só Lâmina» e «Cão sem Plumas». Em todos sobrepõe aguda reflexão sobre o sentido e a natureza da poesia como linguagem.

A obra de João Cabral vem enobrecendo de forma contínua a comunidade de língua portuguesa. Cabe hoje, por intermédio de seus governantes e representantes diplomáticos, tributar ao poeta de Pernambuco, do Brasil, de toda a nossa comunidade, o merecido reconhecimento.

A intelectualidade brasileira e portuguesa, ao conferir a João Cabral de Melo Neto o Prêmio Luís de Camões, quer reverenciar a própria voz da poesia, de que ele tem sido, para nosso orgulho o magistral intérprete.

*Discurso pronunciado por
Sua Excelência o Senhor Fernando Collor,
Presidente da República Federativa do Brasil,
durante cerimônia, co-presidida pelo Presidente
Mário Soares, de entrega do Prêmio Luís de Camões
ao Embaixador João Cabral de Melo Neto,
realizada no Palácio de Queluz, em Portugal,
no dia 23 de outubro de 1990.*

Discurso Durante Almoço Oferecido pelo Primeiro-Ministro de Portugal

*Excelentíssimo Senhor Doutor Aníbal Cavaco Silva,
Primeiro-Ministro de Portugal,*

*Excelentíssima Senhora Doutora Maria Cavaco Silva,
Senhores membros do Governo,*

Altas autoridades presentes,

Minhas Senhoras, meus Senhores,

Em nome do Governo e do povo brasileiros, agradeço a Vossa Excelência a generosa acolhida que me concede. Nós, brasileiros, temos em Vossa Excelência um antigo e dedicado amigo, sempre atento às idéias e iniciativas que permitam alargar e aprofundar a cooperação entre dois povos irmãos.

Os governos do Brasil e de Portugal estão empenhados atualmente em promover o progresso econômico e social mediante crescente abertura para o mundo. É o signo da modernidade que preside a ação de Vossa Excelência e do Governo ao qual fui conduzido, em eleições livres e diretas, pela maioria do povo brasileiro.

Recordo, nesta oportunidade, que, tanto na visita que Vossa Excelência realizou ao Brasil, em junho de 1988, como nos contatos que mantivemos este ano, em Lisboa e em Nova Iorque, houve a preocupação constante de conferir às relações luso-

brasileiras sentido pragmático e realista. Queremos que as relações entre nossos países, unidos por tantos laços fraternos de história, língua e cultura, também sejam dotadas de sólido lastro econômico e técnico-científico.

«Cumpra a nossos governos o preparo
de uma inserção definitiva
na modernidade.»

O ingresso de Portugal, em 1986, nas comunidades europeias, cujo mercado unificado se prevê para o início de 1993, além do evidente sentido econômico, assume dimensão simbólica, representando a plena integração portuguesa, também no plano político e cultural, no concerto europeu.

O Brasil, não menos que Portugal, está atento às grandes transformações que ocorrem no mundo de hoje. Ao ocaso da guerra fria e da confrontação ideológica, somam-se os processos de formação de grandes blocos econômicos, de crescente integração da economia internacional e de rápidas descobertas científicas e tecnológicas.

Diante dessas radicais mudanças, cumpre a nossos governos o preparo de uma inserção decisiva na modernidade. É precisamente nesse sentido que meu governo se vem orientando no Brasil. Como já tive oportunidade de afirmar, o nosso projeto de governo, que implementamos em 15 de março último, mais do que um objetivo econômico, persegue o redirecionamento do papel do Estado na economia do País, com vistas a liberar os setores produtivos nacionais e concentrar a ação governamental no desenvolvimento de áreas como habitação, saúde e educação.

Da mesma forma como nos empenhamos, em Portugal e no Brasil, em modernizar e acelerar o crescimento de nossas economias, também nos voltamos para a dinamização das relações luso-brasileiras. Bem sabe Vossa Excelência que estas, embora ainda não correspondam a seu pleno potencial, têm experi-

mentado notável crescimento nos últimos anos, sobretudo no que se refere aos investimentos brasileiros em Portugal e à formação de *joint ventures*.

Estou convencido de que traduzo o pensamento de Vossa Excelência ao reafirmar nosso mais firme empenho em seguir fomentando essa auspiciosa tendência de crescimento nas relações entre Brasil e Portugal.

Senhor Primeiro-Ministro,

No importante discurso proferido em setembro último, na 45ª Sessão Ordinária da Assembléia Geral das Nações Unidas, Vossa Excelência fez amplas e interessantes referências à comunidade das nações de língua portuguesa e ao papel que ela deve desempenhar no mundo.

Compartilho a idéia de Vossa Excelência de que devemos estreitar e aprofundar os vínculos que unem todos os países lusófonos. Os Estados de língua portuguesa, abrigando uma população total de cerca de 180 milhões de habitantes, devem assumir o lugar preeminente a que têm direito no concerto das nações.

Meu governo está pronto a associar-se a iniciativas, especialmente nos campos da cooperação educacional, científica, técnica e cultural, que visem a reforçar a nossa comunidade de países de língua portuguesa, e a dar-lhe a projeção que merece nas relações internacionais.

Nesse contexto, ganha vulto o programa de comemorações do V Centenário do Descobrimento do Brasil, que deverá pôr em relevo o trabalho gigantesco e admirável dos navegadores portugueses em todos os continentes da Terra. Creio que devemos dar novo impulso a esse programa e associar a ele os países irmãos da África portuguesa.

Senhor Primeiro-Ministro,

Antes de terminar estas breves palavras, e tendo falado de modernidade, rendo um preito de homenagem à figura do grande escritor português Camilo Castelo Branco, de quem comemoramos este ano o centenário de falecimento. A obra de Camilo justamente reflete e prefigura, pela riqueza da linguagem, colorido de imagens e agudo senso de observação, muitas das

características próprias não só do século passado, mas também deste, que, vertiginoso, foge rumo ao terceiro milênio.

Nesse espírito, convido os presentes a me acompanharem no brinde que faço pela saúde e felicidade pessoal de Vossa Excelência e da Senhora Doutora Maria Cavaco Silva, pela prosperidade do povo lusitano e pelo contínuo progresso do relacionamento entre Brasil e Portugal.

*Discurso pronunciado por
Sua Excelência o Senhor Fernando Collor,
Presidente da República Federativa do Brasil,
durante almoço oferecido em sua homenagem pelo
Primeiro-Ministro de Portugal, Anibal Cavaco Silva,
no Palácio de Cintra, em Portugal,
no dia 23 de outubro de 1990.*

Discurso na Assembléia da República Portuguesa

*Excelentíssimo Senhor Doutor Victor Pereira Crespo,
Presidente da Assembléia da República,*

*Excelentíssimo Senhor Doutor Mário Soares, Presidente
da República Portuguesa,*

*Senhores Embaixadores acreditados junto ao Estado
português,*

Senhores Deputados,

Minhas Senhoras, meus Senhores,

Agradeço sensibilizado, Senhor Presidente, as palavras generosas que me dirige Vossa Excelência, ilustrando as tradições de cortesia desta Casa e a amizade profunda que une o Brasil e Portugal.

Ao escrever suas memórias, há cerca de um século, afirmava Joaquim Nabuco que nós, brasileiros, não vamos, mas voltamos à Europa. Evidentemente, referia-se o grande diplomata e estadista às raízes históricas e culturais da nação brasileira, firmemente plantadas no solo fértil do Velho Continente. Sem a pretensão de corrigir Nabuco, diria que é sobretudo a Portugal que nós, brasileiros, voltamos. Não sei se há na história dos povos exemplo que se assemelhe ao carinho mútuo que caracteriza as relações entre Brasil e Portugal. Nosso passado

comum não é fonte de contendas ou ressentimentos, mas constitui, antes, testemunho indelével de amizade entre dois povos.

«Estou convencido de que a nação
atuará ainda mais irmanada
na tarefa de levar o Brasil
à prosperidade econômica, assentada
na justiça e na equidade sociais.»

A história da democracia confunde-se com a crônica da vida parlamentar. Neto e filho de políticos, e tendo tido eu mesmo a honra e o privilégio de exercer mandato no Congresso brasileiro, sinto-me autorizado a reafirmar minha convicção de que um Parlamento forte e atuante é condição imprescindível para a vitalidade da instituição democrática.

O Poder Legislativo, porta-voz privilegiado da vontade popular e de seus anseios de mudança, representa, simultaneamente, fator de estabilidade e de transformação. As complexas relações sociais e as funções múltiplas do poder público cada vez mais exigem a vigilância atuante e permanente do Parlamento de modo a garantir a fluidez do processo democrático e sua continuidade.

Mais do que um Poder da República, o Legislativo constitui um dos pólos imprescindíveis do funcionamento e do aperfeiçoamento da sociedade. No Brasil, o Congresso desempenhou papel capital na recuperação do processo democrático e na reconquista das liberdades essenciais. O movimento das «Diretas Já», que traduzia o limite da nacionalidade ao arbítrio e ao paternalismo, encontrou nas lideranças parlamentares apoio de primeira hora. Sob esse impulso, a renovação da Carta Magna da República pela Assembléia Nacional Constituinte configurou um dos exercícios mais solidários entre segmentos amplamente expressivos da opinião pública brasileira e seus representantes políticos.

Vivemos hoje, no Brasil, uma democracia plena por mandato da voz do povo, com cujo apoio maciço assumi a chefia do Estado nas eleições mais exemplarmente livres da história republicana, e em cujo nome lancei um programa de reconstrução nacional.

O acerto das drásticas medidas adotadas para o saneamento da economia, a redinamização dos setores produtivos, o arejamento ético da conduta governamental e o resgate da confiança e da esperança nacionais confirmaram-se, agora, aos sete meses de vigência do Projeto Brasil Novo. A larga maioria dos políticos eleitos em 3 do corrente mês, tanto para os governos estaduais quanto para os Legislativos da União e dos estados, paupou sua campanha no compromisso com a modernidade que propusemos aos brasileiros em 15 de março último.

«O Brasil sabe que pode contar
com Portugal como atuante
aliado de seus interesses junto
à CEE.»

Estou convencido de que, a partir de agora, a nação atuará ainda mais irmanada na tarefa de levar o Brasil à prosperidade econômica, assentada na justiça e na equidade sociais. O povo brasileiro e, no seu alto intermédio, as lideranças políticas nacionais sabem que o Projeto Brasil Novo continuará a exigir grandes sacrifícios da cidadania. Mas, graças à transparência da ação do Governo, é reconhecimento unânime que, mais que nunca na história do País, foram esses sacrifícios reclamados de todas as parcelas da população, sobretudo dos que mais podem em benefício dos que mais precisam. A legitimidade do processo está precisamente na lisura de seus mecanismos, na grandeza de seus propósitos e na convicção generalizada de que hoje os poderes da República funcionam em estreita harmonia com as aspirações do povo brasileiro. A modernidade perseguida pelo Projeto Brasil Novo autoriza-nos a reclamar papel de relevo no

concerto de nações. O esforço envidado pelo País ver-se-á, contudo, frustrado caso a comunidade internacional não consiga ampliar os atuais mecanismos de cooperação. Num mundo em que a interdependência econômica se transformou em fator determinante no processo de aceleração do desenvolvimento, é imprescindível que o ideal de cooperação presida as relações entre Estados.

Com esse espírito, a Europa dos Doze está ultimando os preparativos para o surgimento, a partir de janeiro de 1993, do Mercado Único. O Brasil acompanha com grande interesse a evolução desse histórico processo de integração, que elevará a Comunidade Econômica Européia ao *status* de grande potência econômica deste final de século, com um mercado de 320 milhões de pessoas e um Produto Interno Bruto ainda maior que o dos Estados Unidos da América.

A Comunidade Econômica Européia já é hoje o maior parceiro comercial do Brasil. Por isso, preferimos ver no advento do Mercado Único não uma ameaça de fechamento à cooperação com os tradicionais parceiros comerciais da Comunidade, mas, antes, como uma oportunidade privilegiada para incrementar a cooperação ora existente.

O Brasil sabe que pode contar com Portugal como atuante aliado de seus interesses junto à Comunidade Econômica Européia. O que postulamos, aliás, não é mais do que aquilo que a própria Comunidade solicita a seus parceiros comerciais, ou seja a redução das barreiras protecionistas que, entre outras coisas, bloqueiam o acesso de nossos produtos manufaturados ao mercado comunitário. Estou convencido de que, com o avizinhar-se de 1993, o apoio de Portugal, com a ressonância que sua voz certamente terá no seio da Comunidade, será de fundamental importância na condução desses temas.

O Brasil quer participar da construção de um mundo de paz e prosperidade. Saudamos com alegria o fim do conflito ideológico e estratégico que durante 45 anos se impôs como moldura básica das relações internacionais. Celebramos a falência dos regimes autoritários e a generalização da democracia como modo de convivência política. São mudanças que apontam na boa direção. Na direção dos interesses de sobrevivência e

bem-estar da humanidade. Para a geração a que pertencemos a palavra-chave é solidariedade. Foi essa bandeira que empunhamos ao longo das duas últimas décadas, na luta pela transformação profunda de nossas sociedades. Não fizemos tudo que pretendíamos fazer, mas fizemos muito. O momento que vivemos tem marcas que se confundem com os nossos sonhos e com as nossas reivindicações. Aí está o ideal da paz universal, mais do que nunca valorizado como requisito da felicidade dos homens; aí está a causa da preservação do meio ambiente, transformada em altíssima prioridade política dos governos e das organizações sociais. Aí está a questão dos direitos humanos a mobilizar a indignação e a vontade de justiça. Esse é, de certa maneira, o lado positivo da época que atravessamos.

«O Brasil já começou a fazer a sua parte no erguimento desse novo mundo que pretendemos.»

Mas nem tudo é tão promissor. Não pode dar certo a troca da bipolaridade ideológica por uma nova bipolaridade entre a riqueza e a pobreza. Não podem conviver a miséria absoluta e um modelo de desenvolvimento baseado no desperdício, na destruição da natureza, nos impulsos de dominação pela força. Como afirmei em outras ocasiões, a atitude humanista não pode ser seletiva; ou vale para todos os homens, ou não vale nada. Não se pode aceitar que o colonialismo político e o neocolonialismo econômico sejam substituídos por um regime de cunho igualmente colonial na área do conhecimento e da ciência e tecnologia. O raciocínio que nega o acesso universal aos frutos do engenho dos homens é o mesmo que antes negava o direito à independência nacional e ao desenvolvimento de todos os povos.

O Brasil já começou a fazer a sua parte no erguimento desse mundo novo que pretendemos. No campo do desarmamento, interpretando o sentimento da gente brasileira, renunciamos unilateralmente, perante as Nações Unidas, à possibilidade de

realizar quaisquer explosões nucleares, ainda que com fins pacíficos. Não renunciaremos porém ao direito de ter acesso a tecnologias hoje indispensáveis ao progresso de qualquer economia, de qualquer sociedade. No que se refere aos direitos humanos, deixamos de usar o argumento da soberania para justificar fatos absolutamente injustificáveis. Acolhemos hoje as denúncias internacionais sobre violações ocorridas em nosso território como auxílio construtivo no esclarecimento desses casos e na luta por seu banimento definitivo. Na questão do meio ambiente, passamos a invocar o princípio da soberania para assumirmos integralmente a nossa responsabilidade pela reparação dos danos já causados e pela implementação de uma política ecológica consistente e efetiva, que reflita a preocupação do povo brasileiro com o assunto.

Senhor Presidente,

Senhores Deputados,

«Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades», escreveu Luís de Camões. Muda, também, a própria Europa, a Leste e a Oeste, dando testemunho inequívoco da vitalidade do Velho Mundo, que, a despeito do flagelo de duas guerras, foi capaz de aprender a lição da história e ressurgir com força renovada.

Também o Brasil está mudando, e haveremos de contar, em todos os momentos, com a disposição fraterna da nação portuguesa para levar a bom termo esse grande empreendimento.

Muito obrigado.

*Discurso pronunciado por
Sua Excelência o Senhor Fernando Collor,
Presidente da República Federativa do Brasil,
durante sessão solene da
Assembléia da República Portuguesa,
em Lisboa, Portugal,
no dia 23 de outubro de 1990.*

Homenagem ao Presidente Mário Soares

Esta noite cabe-me a honra de presidir o jantar com que o Brasil quer homenagear Portugal e agradecer a sua gente por tantas e tão constantes atenções.

Minha mulher e eu ainda guardamos vivos na memória a elegância, a fidalguia e o carinho com que fomos ontem recebidos no seio da família portuguesa, nossa família de além-mar.

Na noite de hoje, pretendemos prolongar o ambiente de fraternidade e afeto, tão típico desta terra de Pedro Álvares Cabral, nosso primeiro emérito brasileiro.

Senhor Presidente,

Vim à Europa pela porta generosa de Portugal. Provavelmente, minha agenda de viagens para o próximo ano incluirá outras importantes capitais europeias, além de uma visita à sede da Comunidade Económica, em Bruxelas, e ao Parlamento Comunitário, em Estrasburgo.

De nossas prioridades de política externa, desponta claramente o projeto, reclamado pela recuperação da economia brasileira, de marcar a presença do País no núcleo dinâmico das atuais tendências da modernidade internacional. E, nesse contexto, a Comunidade Económica Europeia constitui, sem dúvida, interlocutor privilegiado, não só por ser hoje o principal

parceiro do Brasil, mas também pelas ricas e múltiplas perspectivas que se abrem ao relacionamento de parte a parte.

Senhor Presidente,

A sabedoria de portugueses e brasileiros tem-nos permitido, sobre o extraordinariamente fértil terreno da fraternidade, inovar sempre em matéria de ampliação e aprofundamento de nossas relações bilaterais. Jamais deixamos que o lirismo de nossa tradicional amizade substituísse a consistência de nossa cooperação. Apenas cultivamos em prosa e verso o que poucos países conseguiram por quaisquer outros meios. Afinal, Senhor Presidente, Portugal-Brasil, Brasil-Portugal, onde começam, onde terminam?

É dentro desse espírito, e sob o alento de nossas fecundas e objetivas conversações, que convido os presentes a me acompanharem num brinde a meus irmãos portugueses, a seus irmãos brasileiros, à prosperidade de ambos os países e, muito particularmente, à felicidade pessoal de nossos homenageados, meu estimado amigo Presidente Mário Soares e sua digníssima mulher, a Doutora Maria de Jesus Barroso Soares.

*Discurso pronunciado por
Sua Excelência o Senhor Fernando Collor,
Presidente da República Federativa do Brasil,
no brinde durante jantar oferecido em homenagem
ao Presidente Mário Soares, no Palácio de Queluz,
em Portugal, no dia 23 de outubro de 1990.*

Discurso à Saudação do Presidente da Câmara Municipal de Lisboa

A homenagem que a Câmara Municipal de Lisboa me presta hoje, pelas nobres e generosas palavras de seu Presidente e a entrega simbólica das chaves da cidade, muito me sensibiliza, já não estivesse eu em terra portuguesa; portanto entre amigos, entre irmãos.

Ao agradecer-lhes o gesto, em meu nome e em nome do povo brasileiro, a quem na verdade se destina esta calorosa homenagem, devo confessar-lhes que planejei visitar Lisboa na antecipação desse tratamento fidalgo e hospitaleiro, fonte inesgotável do desvanecimento de brasileiros por tantas gerações.

A programação de uma visita oficial honra o dignitário, mas frustra o cidadão, o homem do mundo, o também filho dessa cultura centenária, berço de glórias inenarráveis, que tanto estimaria poder desfrutar, lado a lado com a gente portuguesa, desse patrimônio arquitetônico e de vida, construído pelo talento artístico de seu povo e seus governantes.

Consola-me, porém, Senhores Presidentes e Senhores Vereadores, a circunstância de que venho a Lisboa — essa capital da história moderna, a quem tanto deve a civilização ocidental, essa síntese da alma e do espírito lusitano, matriz da lusitanidade, a que nós brasileiros orgulhosamente nos incorporamos — para homenagear, não para ser homenageado.

Nesse sentido, o cenário não se imaginaria mais apropriado. Como neto e filho de políticos, aprendi desde cedo a importância do Legislativo, em particular do Legislativo municipal, para o funcionamento e o aperfeiçoamento de uma sociedade.

Depois, não só como deputado federal e governador de meu Estado, Alagoas, mas também como prefeito de sua capital, Maceió, pude acompanhar de perto o papel dos parlamentos na edificação e controle da vida pública de uma comunidade.

Aqui, sinto-me, portanto, entre pares. Sei reconhecer que a responsabilidade do alcaide e do legislador municipal são inversamente proporcionais aos limites geográficos de sua área de atuação, a qual só na aparência é restrita. A seiva da democracia se realimenta das fontes primeiras da vida da urbe, por essência a raiz do exercício político. Tanto mais quando se trata da própria capital do estado.

Recebam, assim, Senhores Presidentes e Senhores Vereadores, as mais sinceras homenagens de um devotado servidor do povo brasileiro que, por força e legitimidade da função, também é o porta-voz autorizado da estima e do respeito que nutrimos no Brasil pela estatura das instituições portuguesas.

*Discurso pronunciado por
Sua Excelência o Senhor Fernando Collor,
Presidente da República Federativa do Brasil,
em resposta à saudação de boas-vindas
do Presidente da Câmara Municipal de Lisboa,
em Lisboa, Portugal,
no dia 23 de outubro de 1990.*

Discurso na Câmara Municipal do Porto

Divido com o povo brasileiro a generosa homenagem que o povo portuense, por intermédio de seus dignos representantes municipais, quis prestar-me.

Do Brasil, trago-lhes as mais cordiais saudações e uma mensagem de renovada fraternidade pela gente do Porto.

Desta cidade de tanta epopéia, privilegiada pela natureza, na moldura do Douro e do Minho, saíram as caravelas que aproximaram o mundo e desbravaram o Brasil. Aqui não resisto ao convite obrigatório de deixar-me impregnar pelas atmosferas múltiplas e fascinantes do Porto dos casarões de azulejo, do Porto dos bairros populares, cujas casas, como que a descer para o rio, são como barcos imóveis numa alegoria viva da indômita aventura de além-mar.

Desta cidade, milenar e invicta, partiu o maior fluxo de imigração portuguesa que, além de consolidar a formação histórica do Brasil, forjou em nosso espirito o sentimento da lusitanidade, ao qual nos incorporamos com orgulho. Como assinalou ilustre pensador e sociólogo de meu País, Gilberto Freyre, é imperativo desenvolver a melhor e a mais exata compreensão das semelhanças que fazem de nós — portugueses, brasileiros e também luso-descendentes da África, da Ásia e das ilhas — uma

unidade cultural das mais vivas e das mais cheias de possibilidades.

Senhores Presidentes,

Senhores Vereadores,

Descendente de portugueses como a expressiva maioria de meus concidadãos, sou, também, filho e neto de políticos. Nessa dupla condição, posso dizer que me sinto, na Câmara Municipal da cidade do Porto, absolutamente em casa. Tanto mais porque, tendo sido, além de deputado federal e governador de meu Estado, Alagoas, prefeito da capital, Maceió, posso compartilhar com Vossas Excelências o mais alto sentido da importância de que se revestem as estruturas municipalistas na vida política de uma nação.

Não exageraríamos se afirmássemos que a planta sempre tenra e delicada da vida democrática repousa firmemente na tessitura complexa, variada e criativa das municipalidades.

Neste ambiente, portanto, de tão gratas e edificantes recordações para mim, homem com profundas raízes municipais, e nesta cidade, que um dia inspirou a um Almeida Garret, a um Antonio Nobre, a um Camilo, começo minhas despedidas de Portugal, levando comigo o mais inestimável dos patrimônios, a amizade entre dois povos, vetor dinâmico do relacionamento luso-brasileiro.

*Discurso pronunciado por
Sua Excelência o Senhor Fernando Collor,
Presidente da República Federativa do Brasil,
na Câmara Municipal do Porto,
em Porto, Portugal,
no dia 24 de outubro de 1990.*

Cerimônia de Entronização da Confraria do Vinho do Porto

Minhas Senhoras, meus Senhores,

Tenho grande orgulho em receber a gentil homenagem com que me distingue a Confraria do Vinho do Porto.

Na viagem que ora realizo a Portugal pude mais uma vez testemunhar o carinho que o povo português reserva a seus irmãos d'além-mar, sentimento genuíno de amizade, apoiado numa língua e numa cultura comuns. Esta viagem mostrou-me, também, que o exercício da Presidência da República reservamos não só as agruras do poder e as graves responsabilidades que cercam a tomada de decisões, mas também o prazer singelo de poder participar de momento assim.

In vino veritas, diziam os antigos romanos. Como eles não tiveram o privilégio de conhecer o vinho do Porto, permito-me afirmar, com maior explicitude, que a verdade está no vinho do Porto. Está nos vinhedos que margeiam o Douro, de onde é extraído o néctar com que a gente portuense produz esse vinho de sabor único no mundo.

Portugal se prepara, com seus 11 parceiros europeus, para enfrentar um grande desafio: a criação do Mercado Único a partir de 1993. Tal desafio deve fazer com que o país volte seus

olhos para o futuro e para as possibilidades que esse grande processo de integração trará à gente portuguesa. Mas Portugal não se esquecerá de suas tradições e de seus vínculos históricos, pois esses são frutos do tempo, e só o tempo é capaz de produzir os bons vinhos e as amizades duradouras.

Assim é a amizade que une Brasil e Portugal. Em nome dessa amizade, convido os presentes a erguerem um brinde em homenagem à grandeza crescente das relações luso-brasileiras.

*Discurso pronunciado por
Sua Excelência o Senhor Fernando Collor,
Presidente da República Federativa do Brasil,
no brinde de resposta à saudação de boas-vindas,
durante cerimônia de entronização da
Confraria do Vinho do Porto,
em Porto, Portugal,
no dia 24 de outubro de 1990.*

Discurso Durante Jantar Oferecido pelo Presidente Mário Soares no Paço Ducal

*Excelentíssimo Senhor Doutor Mário Soares, Presidente
da República Portuguesa,*

*Excelentíssima Senhora Doutora Maria de Jesus
Barroso Soares,*

Minhas Senhoras, meus Senhores,

Somente a finura da alma lusitana escolheria Guimarães como cenário de meu último compromisso oficial. Convidou-me Vossa Excelência para encerrar minha visita precisamente onde teve início a nacionalidade portuguesa — uma maneira simbólica de dizer que, mesmo ao fim de minha estada, se rejuvenesce a amizade luso-brasileira.

Venho, pois, a Guimarães como numa peregrinação à origem européia da própria nacionalidade brasileira e levo daqui estímulo idêntico ao que, outrora, projetou este país nos quatro cantos do mundo e que, hoje, impulsionará — estou certo — o relacionamento entre Brasil e Portugal a níveis condizentes com nossas potencialidades e nossa vontade política.

Este berço da lusitanidade emoldura à perfeição o projeto de futuro que portugueses e brasileiros almejamos para nossos países.

E bem o merecemos, Senhor Presidente. Olhem o exemplo de Guimarães. Pólo industrial nortenho, abrigando e alimentando febril atividade produtiva, a cidade medieval soube adaptar-se, com engenho e arte, aos novos tempos e, bem assim, dar sua contribuição ao importante programa que Portugal tem diligentemente cumprido com vistas à plena integração nas comunidades européias.

Também em nossa terra, estamos empenhados em ajustar o País às principais tendências contemporâneas. Introduzimos, desde 15 de março, mudanças vertiginosas na maneira como o Estado deve proteger os interesses dos cidadãos, sem asfixiar as forças de mercado. O objetivo prioritário é promover a retomada do desenvolvimento e assegurar a prosperidade do País, sem descuidar da justiça social — a maior dívida pública brasileira.

Considero, portanto, Senhor Presidente, que o evento desta noite ilustra um encontro de dinamismos, em que a amizade luso-brasileira se enriquece de perspectivas promissoras de cooperação.

No plano político, quis a história, quiseram nossos povos, que este fosse o encontro de duas democracias irmãs. Em janeiro, quando Vossa Excelência me deu fraterna acolhida na visita que fiz como Presidente eleito, recordei que desde 1922 não se avistaram presidentes do Brasil e de Portugal escolhidos ambos segundo normas universalmente aceitas por seus compatriotas. Em alguns meses, esta é a terceira vez que nos reunimos. Cumprimos, assim, a vontade de nossa gente, vontade de que trilhem os caminhos da democracia na construção de um intercâmbio ainda mais rico entre brasileiros e portugueses.

No terreno da economia, a trajetória ascendente de Portugal no seio das comunidades européias e o resgate da vocação universalista do Brasil, sob o impulso das novas forças revitalizadoras da sociedade brasileira, deverão acentuar as convergências e aproximar ainda mais as duas nações.

Sempre defendi a posição de que o ingresso de Portugal na CEE, longe de afastá-lo do Brasil, contribuiria para reforçar o relacionamento, não só por conta de uma fraternidade escrita em séculos de história comum, mas também pela pujança recobrada dos setores produtivos e de comércio portugueses.

Não fosse por outros motivos, minha visita a este país querido e amigo renovou garantias de que Brasil e Portugal, tanto na bilateralidade das relações quanto em seus reflexos frente à Europa dos Doze, desejam trilhar juntos e solidários a evolução dos tempos modernos, marcados por crescente interdependência.

Imbuído desse espírito, Senhor Presidente, convido todos a me acompanharem num brinde que, para nós brasileiros, eternizará a lembrança das constantes e inexcedíveis gentilezas que nos foram reservadas durante nossa presença em Portugal, e que simbolizará, neste cenário privilegiado da história lusitana, a grandeza e o futuro da comunidade luso-brasileira.

*Discurso pronunciado por
Sua Excelência o Senhor Fernando Collor,
Presidente da República Federativa do Brasil,
durante jantar oferecido pelo Presidente Mário Soares,
no Paço Ducal, em Guimarães, Portugal,
no dia 24 de outubro de 1990.*

Série Diretrizes para um Novo Brasil

- 1. O Projeto de Reconstrução Nacional e O Compromisso com a Democracia**
- 2. A Democracia e o Controle Soberano do Estado**
- 3. Desenvolvimento: o Condutor da Dignidade e do Bem-Estar do Trabalhador**
- 4. Crianças, o Desafio Maior**
- 5. O Fortalecimento da Economia e a Sociedade Brasileira**
- 6. Consciência Ecológica e Qualidade de Vida**
- 7. Educação e Cidadania Plena: um Projeto Brasileiro**
- 8. O Brasil e a Nova Estrutura Internacional**
- 9. O Governo Kubitschek e a Industrialização Brasileira**
- 10. Brasil e Portugal: Parceiros na História e Sócios no Projeto do Futuro**

ESTA OBRA FOI COMPOSTA
E IMPRESSA PELA
IMPrensa NACIONAL,
SIG, QUADRA 6, LOTE 800,
70604 BRASÍLIA, DF,
EM FEVEREIRO DE 1991, PARA
A PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA,
COM UMA TIRAGEM DE
5.000 EXEMPLARES

**“Estou seguro de que, mais uma vez,
Brasil e Portugal podem dar exemplo
de cooperação e aprofundar um
relacionamento revigorado pela
vitalidade de um Portugal comunitário
e pela energia de um Brasil em pleno
processo de recuperação econômica.”**

Presidente Fernando Collor

